Soares Bulcão

— II —

Padre Misael Gomes

Senhores. A paciência é o único remédio contra os males que não tem remédio. Aqui estamos submissos e reverentes à vontade de Aquele que plasmou o homem espírito e matéria, corpo e alma, capaz de viver no tempo e sobreviver na eternidade. Para a morte não há casa forte, porem Deus, que acendeu os santelmos nos alcantís ou no topo dos mastros, alou a esperança para os vôos da inteligência ; pois as coisas não mudam tanto, como a maneira de encará-las. Viveu assaz, quem viveu bem. E a vida desdobra ritmos, a vaga multiplica ondulações. Nem a felicidade parece mais do que um adaptar-se da alma ao seu destino. «Nascidos ao mesmo tempo [disse Leopardi], o amor e a morte fraternizaram. O mundo aquí em baixo e as estrelas no alto nada possuem de mais belo.»

O trabalho da vida todo se faz para a morte ; e o trabalho da morte?... Desaparecem as formas sensiveis, porem a alma e as inestimaveis qualidades que a exornam, as graças do espírito e do coração que lhe conciliaram o respeito e o amor, a vida em fim, bela e doirada, alí parece renascer. Com o que o homem é escravo da morte. O instante que corre, cada minuto novo golpe encurtando a vida. Mas o filósofo Descartes à morte chama aurora de um belo dia. O sepulcro não encerra a alma. E a saudade eterniza o Amor. Colocada entre o presente e o futuro, a ambos une a morte. Ela descobre ao homem a pátria onde se encontram, no seio de Deus, todos os que o Amor unira aquí na terra ; a pátria onde os dias não se ensombram de crepúsculo, onde a vida, breve, vai recomeçar sem fim ; vive-se alí em Deus. A posse de Deus é que constitue a felicidade eterna.

Serva da divina justiça, a morte traz contingências, apertos e tristezas ; mensageira de suprema redenção, vale um penhor da infinita misericórdia. Segundo o apóstolo São Paulo, verdadeiro lucro é a morte, por que a vida deve subsistir das esperanças do Alem. Na conformidade das lâmpadas das catacumbas, memória do dia glorioso que raiará sobre os túmulos, esta vida reflete mundo melhor, para o qual caminhamos todos infalivelmente.

O homem é o nauta à mercê das ondas, que a idéia do porto anima e na tempestade, entre escolhos, sonha com a pátria e a famí-

lia. É o soldado a quem encoraja a esperança, por que esta faz refulgir o galardão da vitória. É o Cruzado destemido que anseia a posse da celeste Jerusalem. É o agricultor a quem o desejo de messe copiosa suaviza os ardores da canícula. Sê fiel até a morte, diz o Sábio, e receberás a coroa.

Meus Senhoses. «Ao Ceará [já disseram] faltou a agua permanente que determinasse o caminho dos portugueses e seu pouso definitivo. Ao Ceará faltou-lhe uma dessas tentadoras riquezas — o diamante, o ouro, a prata, a esmeralda — que atraem e improvisam impérios. Ao Ceará faltou-lhe a posição, que o tornasse, como outrora a Caldéia, hotel de caravanas e depósito de mercadorias em trânsito. O insulamento e a pobreza—eis os dois esteios capitais daquilo a que chamaremos, na ausência de melhor expressão, civilização do Ceará.» Mas ao Ceará não faltou nunca o surto de almas eleitas, nem as maiores capacidades em todos os setores da vida nacional, nem o patriotismo e sublime devotamento de seus filhos.

José Pedro Soares Bulcão é desses conterrâneos ilustres, nascido na Uruburetama ou vila do Arraial, num 13 de Maio precursor da áurea data brasileira. Foi daquela mesma Uruburetama que se partira, em Outubro de 1869, a bandeira de cearenses dirigida por João Gabriel de Carvalho e Melo, de quem Soares Bulcão escreveu o perfil ("O Comendador João Gabriel", na *Rev. do Inst. do Ceará,* 1931), pioneiro ousado, destemido, em demanda da Amazônia, e que se fixara no baixo Puruz. A expansão com gente de todo o Nordeste não cessou jamais. Os altos rios foram sendo alcançados; o desbravamento da Hiléia se verificou com rapidez, obra de energia. O cearense logrou conquistar e incorporar ao Brasil território mais ou menos igual ao seu : o território do Acre.

No Nordeste há veios pequenos, uma vida agrícola, campezina, enquanto no Amazonas são alagadiços, rios caudalosos e a busca às produções da terra, à hévea que a Europa ambicionou. No Amazonas, o índio selvagem, astuto e desconfiado, que por vezes exigiu, de armas em punho, os seus direitos ao solo de onde e expulsavam ; a floresta densa, que era preciso devassar sem esmorecimento, asilo de feras, esquisita a alimentação, e o reinado do impaludismo. Aquí a estrada, o cavalo para transporte ; lá o curso dos rios, a ubá, o montaria, o gaiola. «A cultura pertinaz e obstinada é que desentranha a gleba revessa, as vegetações luxuriantes, as florescências maravilhosas, as frutificações opulentas.» *(Rui Barbosa)*

O nordestino, em páginas de heroismo, triunfando de todas as inclemências, na porfia contra a natureza, bandeirante do século XIX, dominou o vale, ocupou-o, — obra de soldado e de economista, das maiores obras políticas do Brasil no século. Foi o cenário mais árduo aquele, da existência de Soares Bulcão. A sua fibra retemperou-se, lutador impetérrito, com ensanchas de grande valia ; ele cantava :

Se tanto amor esperdiçado tenho,
Pesar de tanta lágrima vertida,
Justo é que ainda este pesado lenho
Leve, a chorar e a rir por toda a vida.

Tributário ancestral, por onde venho,
Desde a hora inicial da eterna lida,
Em cada rosto encontro um sobrecenho
Desabrochando em chaga dolorida.

Poeta lírico e mavioso, atestam-no «Parêmias», estréia de 1910. Vocações artísticas, tão altas, são gigantes do bosque, que não requestam cultivadores para crescer nem frondejar; consigo trazem o dom, assim como os cedros ou os nossos juazeiros em seu verde admiravel e opulência.

No Instituto do Ceará, onde ocupou desde 1929 a cadeira n. 13, destacou-se Bulcão, o pesquisador das genealogias mais intincadas, mais dificeis de nossa terra. Político, deputado, fez-se jornalista, e advogou neste foro e no acriano. Pobre a ocupar em fim modesto encargo federal, a sua biblioteca semelha ermida ou pequenino templo, santuário votivo das Ciências e das Letras, que tanto ele amou e dignificou. Choram-no hoje, alem dos estremecidos filhos, o genro, a esposa, os irmãos, os companheiros do Instituto : era dos mais assíduos às nossas sessões e à convivência de nossa grei. Tudo pequeno na vida, asseverou Coelho Neto, a união faz a grandeza.

Aquí estamos, teus amigos, — meu caro Bulcão, para dizer-te um último adeus. Acentua-se a palidez da eloquência ante o crepe do teu ataude. Mas graças a quem tudo pode, a fé te rasgou as derradeiras sombras interiores.

A eternidade é oceano sem praias, dentro do qual vejo esconder-se agora o sol da tua inteligência, a tua bondade, o calor da tua amizade.

Se o Sol recolhe os últimos raios na fímbria anuviada do horizonte, é para concentrar todo o brilho do outro lado do planeta. Assim, os teus olhos eclipsaram-se com a penumbra da terra ; mas foi para se abrirem ao deslumbramento de outros mundos. Lá deves conhecer a sinceridade de nossa dor, a profundeza desta saudade. Até breve, até um dia . . .

Em nome do Instituto do Ceará, sê feliz, inolvidavel consócio ! muito feliz !

Bulcão, pelo Instituto e por mim, adeus ! (*)

(*) Oração pronunciada à beira do túmulo, em nome do Instituto, no dia 18 de Julho.

— XII —

Dolor Barreira

Senhores:

Faz hoje, precisamente, trinta dias que mergulhou no desconhecido, entrando ao impenetravel mistério da morte, esse que, no convívio dos seus semelhantes, se chamou JOSÉ PEDRO SOARES BULCÃO.

A sua passagem, através deste vale de lágrimas — *in hac lacrimarum valle* — do cântico sagrado, se prolongou pelo espaço de quase sessenta e nove anos, pois, tendo nascido a 13 de Maio de 1873, desapareceu dentre os vivos a 17 de Julho recem-transcorrido.

Abriu os olhos às aparências e enganos deste mundo (lá diz o Padre Vieira que as coisas deste mundo são como se não foram) em Arraial, da Uruburetama, que as aguas fecundantes do rio Mundaú mansa e suavemente banham.

Mais tarde, em estos de incoercivel carinho filial, enamorado da natureza que emoldura o pitoresco rincão, o grande cearense morto, embevecido, cantou a terra, que lhe serviu de berço, nestes maviosos e ternissimos versos:

. . . . . .

Criou-te Deus entre virentes serras,
Refúgio amigo, onde reside a paz,
Deu-te os primores que em teu seio encerras,
Buscando glórias por longinquas terras,
Andam teus filhos na conquista audaz.

Para a riqueza de teus ferteis vales
Rios perenes correm nos teus flancos,
Mas se te chega da amargura o calix,
Anunciando o termo de teus males,
Bafora a serra os nevoeiros brancos.

. . . . . .

Seja-te avessa ou promissora a sorte,
Nunca te deixes vacilar na fé,
Faze mais firme esta união, mais forte,

Entre teus filhos, para a vida e a morte,
E dentre as lutas surgirás de pé.

Ainda na juventude, no seu próprio expressivo dizer, surpreenderam-no, a Soares Bulcão, a orfandade e a pobreza.

De resto, em verdade vos digo, estava, nisso, o estimavel augúrio, o auspicioso horóscopo da porvindoira e infalivel vitória. «Hércules não se preocupava de deixar os filhos na orfandade [diz-nos Epicteto], por que sabia que não há orfãos no mundo.» E Nabuco acrescentava que, «em nossa sociedade pelo menos, tem sido esta a regra: são os orfãos, os abandonados, os que vencem na luta e sobem».

Não nos consta que Soares Bulcão tivesse feito curso ou aprendizado regular. Teria, apenas, frequentado, no distante ano de 1887, o Seminário de Fortaleza, segundo ele mesmo no-lo revela, em "Os meus motivos", com que abre o seu livro "Anastácio Braga. Sua vida e sua obra e a gênese do seu assassínio".

É o homem que estudou por si e consigo. O homem que a si mesmo se fez, a golpes de esforço e inteligência. Verdadeiro autodidata, na mais rigorosa acepção da palavra. Como Alexandre Herculano, o Solitário de Val-de-Lobos. Como Machado de Assiz, o menino do Morro-do-Livramento. E tantos e tantos mais, de cujos nomes está referta a história das literaturas.

Cativo, porem, das belas letras, para cujo cultivo, de logo, propenderam as suas inclinações e preferências, foi sócio do CENTRO LITERÁRIO, agremiação fundada, no Ceará, por uma dissidência da PADARIA ESPIRITUAL.

É ele mesmo quem, assim, nos dá notícia da sua entrada na atuosa sociedade literária: «Realmente, eu era um ilustre desconhecido quando, pela mão de Frota Pessoa, ingressei no CENTRO LITERÁRIO, no começo de 1895, na pitoresca vivenda campestre do venerando pai de Fernando Weyne, em Porangaba, num memoravel dia do seu aniversário, comemorado alí com uma sessão especial do CENTRO, à qual, entretanto, compareceram quase todos os sócios, a começar pelo Barão de Studart, seu Presidente. Foi um dia festivo, e de uma enorme surpresa, para mim, foi, ainda mais, a proposta verbal e a aceitação unânime do meu humilde nome para sócio daquele cenáculo de tão alta significação. Quase tive uma vertigem, de acanhamento, quando Frota Pessoa, para justificar a sua ação inesperada, fez a leitura de um dos meus contos matutos, que eu trazia escondidos, num caderno, que lhe fora mostrado, à minha revelia, por meu irmão Amarílio Soares, seu companheiro de estudos e amigo inseparavel, falecido, em plena mocidade promissora, em Janeiro de 1900. Voltei dalí sócio do CENTRO, muito contrafeito, entre a comitiva ilustre, que me olhava com certa curiosidade, e justificado espanto,

pois a maioria nunca me tinha visto, nem ouvido falar de um nome tão obscuro.»

Segundo seu próprio testemunho, «os contratempos da política e as vicissitudes da vida» fizeram-no «emigrar para o Amazonas, que era, então, o refúgio dos fracassados nas lutas partidárias do Ceara».

«Com grande fama de combatente invulgar e valentia de atitudes», esperdiçou — diz ele — «as energias da mocidade, nas inhóspitas paragens acrianas, amargando, silenciosamente, as saudades dos filhos que lhe ficaram, na orfandade, de uma viuvez prematura.»

Se, todavia, esperdício foi, energias não seriam mais louvavel e dignificantemente esperdiçadas, pois o teriam sido em prol da causa do Acre, da solução do problema acriano, da reivindicação, em suma, dos seus direitos à unificação, à estabilidade e à autonomia, que lhe garantiam — ao que ele então proclamava — a sua riqueza própria e a boa vontade dos seus habitantes.

Traços dessa campanha reivindicadora, que teve, na pena do brilhante jornalista, um dos seus excelsos instrumentos, antolham-se-nos, fortes, vigorosos, indeleveis, nos artigos publicados no "Alto Puruz", de Sena-Madureira, a final enfeixados no folheto "Território do Acre. Sua organização. Erro de origem. Apelo aos nossos irmãos do Acre".

No Amazonas, foi Soares Bulcão sócio fundador da ASSEMBLÉIA LITERÁRIA, de Manaus. Era mais uma mostra da sua irresistivel sedução pelas boas letras, que são, no fim de contas, ao que nos testifica esse bizarro Anatole France «l'honneur de l'homme, la consolation de la vie, le rémède à tous les maux».

Soares Bulcão ainda foi membro da ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, ao tempo da sua primeira reorganização, em 1922, sob a benfazeja inspiração de Justiniano de Serpa, em torno de quem — na sua frase ática e tersa — «se agruparam, de preferência, os intelectuais de qualquer credo político, sem distinções facciosas». «Palácio [acrescenta] era uma espécie de Academia, onde as palestras diárias se convertiam em verdadeiras tertúlias literárias e científicas, das quais era o centro o grande Presidente, com o seu espírito sempre moço, a sua cabeleira leonina, encanecida e ondulada, a sua palavra facil e sedutora, de um aticismo natural, sempre pilheriando delicadamente, sem nunca ferir susceptibilidades, propenso, por um pendor que lhe era congênito, a galantear a juventude inteligente e viva que tanto lhe seduzia o espírito de ateniense.»

Em 1932, juntamente com CARLOS LIVINO DE CARVALHO, GUILHERME DE SOUSA PINTO, MARTINZ DE AGUIAR e JOSÉ CARVALHO, entrou o notavel arraialense para o Instituto do Ceará.

Na sua rápida mas eloquente alocução, o orador oficial, Dr. José Lino da Justa, que, alviçareiramente, o recebera, acentuou que ele já

se salientava «com estudos originais na especialidade da crônica genealógica».

Senhores: É de Roquette Pinto, preclaro antropólogo brasileiro, este dito: «Só a morte consegue dar relevo definitivo às figuras; ela acentua os vincos do rosto e anima, em sublime paradoxo, os traços espirituais dos que se foram.»

De fato, foi ontem, pode dizer-se, que Soares Bulcão atingiu esse *momento donde pendem as eternidades — momentum, unde pendet aeternitas*, que outra coisa não é a morte, na definição desse gigantesco Padre Vieira, e já podemos firmar, como indiscutivel, o juizo de que, no domínio das letras — e o nosso objetivo precípuo é focalizar, nesse domínio, a sua atuação —, a sua vida foi intensa, cheia, fecunda, integral.

«Vivre c'est donner sa fleur, puis son fruit; quoi de plus?», dizia Renan.

Ora, se isso é viver, Soares Bulcão tinha o direito inauferivel de dizer que viveu, por quanto foi um espírito que se agitou em permanente floração e frutecência, poeta e prosador que era, dos de mais fina têmpera, nos anais da nossa história literária.

Bem cedo, por sem dúvida, compreendera e sentira o nosso querido consócio que, consoante à expressão conceituosa e lapidar de Rui Barbosa, «não é possivel estar dentro da civilização, e fora da arte».

Escreve Afonso de Carvalho, no majestoso livro em que analisa e estuda a vida e a obra poética de Bilac: «O poeta não pode ser apenas um burilador de estrofes. Tem obrigação de ser lírico, essencialmente lírico, por que poesia é sentimento e, quer se revista de vários moldes, sempre há de partir do coração.»

É por isso mesmo que Chénier cantava, nas suas sentimentais e doloridas "Elegias", que «le coeur seul est poète» . . . Poeta, só o coração . . .

E Mendelssohn não diz outra cousa quando afirma que o objeto da poesia é «representar as modificações que se manifestam em uma alma dominada pela emoção». Herder, a seu turno, assim qualifica a poesia: «É a filha mais fiel e mais ardente da alma humana.»

Ora, é a corda do sentimento que vibra, em dulcíssimas sonoridades, na poesia de Soares Bulcão. Ele foi — não há duvidar — um grande poeta lírico, sempre a extravasar *a música que tinha na alma*, música de que fala Byron, considerando *pobre gente* quem a não tem . . .

Magnífico atestado do seu enleante lirismo é esse poemeto MIRANDINHA, em que o poeta entoa, com irrepremivel alvoroço, em incontidos estremecimentos íntimos, exultante de alegria interior, a apoteose da paternidade. Constitue ele a parte principal do seu livro inédito HELIANTHUS e abre as suas enternecidas e comovidíssimas páginas com este oferecimento: «LÍGIA, minha filha, este livro é teu;

era o hino que o meu amor andava tecendo ao dia jubiloso da tua entrada na vida; ficou incompleto, mas fala de ti, que o inspiraste, quando ainda não eras senão uma aspiração fagueira, uma promessa com que o céu abençoava o dia luminoso da minha felicidade; quando o souberes compreender, terás penetrado a alma de teu pai.»

Leamos alguns desses versos, que representam o mais acabado dos retratos morais.

Não percam, na sua imorredoira beleza, com os titubeios da minha leitura. Não lhes vá acontecer a eles o que aconteceu aos versos de Oscar Wilde, lidos pelo procurador criminal que o fez condenar. Escreve-se algures que o procurador criminal, que fez condenar Oscar Wilde, por causa de algumas de suas poesias, leu-as no tribunal e, acabando, perguntou: — Há quem chame a isto poesias? Wilde respondeu simplesmente: — Lidas assim, por quem não sabe ler, incontestavelmente não!».

Mas, com todo esse risco, não me posso ter que os não leia, tal o encanto, tal a magia, tal a penetrante fascinação que em mim produziram, em mim que tenho, pelas coisas de arte, em qualquer das suas manifestações, incondicional idolatria.

PÓRTICO

Passei a noite sonhando
Foi este o sonho que eu tive;
Íamos, dois, deslizando,
Um no outro se amparando,
Por um medonho declive.

No alto, o céu tão profundo
Como um dossel de cetim,
Ao calor do sol fecundo,
Derramava sobre o mundo,
Promessas de paz sem fim.

. . . . . .

Assim entramos na mata,
Sob o sombrio arvoredo,
Gemia ao longe a cascata,
Numa saudosa volata,
Caindo sobre o rochedo.

E sob os raios solares,
Agitam-se em derredor,
As borboletas aos pares,

As aves, os nenufares,
Ao grande beijo do amor.

Os vegetais nas raizes
Soluçam brandos arquejos,
E pelas frondes felizes,
De variados matizes,
Corre um frêmito de beijos.

. . . . . .

Só nós ficamos sozinhos,
Os dois, estereis na vida,
Pela aridez dos caminhos,
Sem a carícia dos ninhos,
Como um casal sem guarida.

É então que se anuncia ao poeta a grande, alviçareira e inolvidavel notícia:

Vou ser mãe, a final, tu me disseste,
E vinhas tão radiante de alegria,
Que me lembraste aquele anjo celeste,
Que apareceu na tenda de Maria.

E vinhas tão radiante de alegria,
Que à tua entrada iluminou-se a sala,
E tudo em volta, a ouvir-te, parecia
Ficar suspenso ao som de tua fala.

. . . . . .

A alma enlevada para os céus voltada,
Bendigo o instante em que a notícia deste,
Por que com ela, ó minha doce amada,
O mais feliz dos homens me fizeste.

Bendigo o instante em que a notícia deste,
E a hora augusta pela qual anseio;
Bendita sejas tu, que concebeste,
Bendito seja o fruto do teu seio.

Depois de abençoar o querido nascituro, venturoso, dizendo:

«Seja-lhe o céu azul como um dossel suspenso,
Sobre o leito infantil, numa oblação de luz;

E a terra um manso lago, em cujo seio imenso,
Entre hosanas, deslize o berço que o conduz»,

o poeta desentranha-se nesta

SAUDAÇÃO

Despertei. Dormias, quieta,
Envolta em claros lençóis,
De fora, álacre, indiscreta,
Vinha a voz dos rouxinóis.

. . . . . .

De uma roseira vizinha,
Um fresco aroma se evola,
E a maior rosa que tinha
Saudou-me, abrindo a corola.

. . . . . .

Em festa, à borda dos ninhos,
Nas laranjeiras em flor,
Saudavam-me os passarinhos,
Com cavatinas de amor.

. . . . . .

A aurora, lúrida, acesa,
Qual incêndio matinal,
Envolvia a natureza
Numa eclosão colossal.

. . . . . .

E tu dormias, ainda,
Sonhando com o céu, talvez,
Beijei-te . . . estavas tão linda,
Que te beijei outra vez.

. . . . . .

Crescia o dia ; de fora,
Vinham sons e rumorejos,
E despertaste à sonora
Orquestração de meus beijos.

Pela janela, um estreito
E álacre feixe de sol,
Entrou, cobrindo-te o leito,
Qual luminoso lençol.

E já imagina, estuante das mais esquisitas fantasias, o berço em que devia repousar e dormir o pequenino ser, e, em santas efusões, exclama:

Hei de fazer-lhe um berço incrustado de beijos,
Que o embale, no sono, a voz dos teus carinhos,
E em cuja tela azul, tenha pintado, em voejos,
Anjos de asas de luz, aves volteando os ninhos.

E esse berço há de ter a forma de uma taça,
A brancura e a fluidez da neve das montanhas,
E transparente e aéreo, assim como a fumaça,
Tendo o capricho irial das teias das aranhas.

. . . . . .

E há de vogar, sereno, esse batel risonho,
Como um cisne, indolente, à flor das aguas calmas,
Conduzindo, no seio, um infinito de sonho,
Um mundo de ilusões: o amor de nossas almas.

O enxoval (que maravilha de enxoval infantil!) seria feito

De peças impalpaveis e pequenas,
Do cristalino astral de linfas claras,
Da lactescência ideal das níveas penas;

Com o ondular sutil das fulvas searas,
O polen de oiro que do sol promana,
E o sonho branco e virginal das aras;

. . . . . .

Será de tudo o que flutua e esvoaça,
De imponderavel tule e gazes finas,
Com transparências límpidas de taça;

E tal como a peneira das neblinas,
Será de amena e matinal frescura,
Da névoa alvinitente das colinas;

Peça por peça, cada qual mais pura,
De caprichosos erivos delicados,
De terníssima e leve contextura ;

. . . . . .

Todas, em fim, tão leves como plumas,
De tecidos e cores diferentes,
Com flocaduras límpidas de espumas ;

. . . . . .

E só nós saberemos entendê-los,
Esses pequenos mimos, onde, em tudo,
Anda tua alma, em maternais desvelos ;

. . . . . .

E sinto aos olhos borbulhar-me o pranto,
De emoção, de alegria e doce enleio,
Como se os visse já ; com tal encanto,

Que até me vem às vezes o receio
De amá-los mais do que, se ser pudesse,
A esse filho de amor que tens no seio.

Sê, pois, a ave feliz que o ninho tece,
Faze com alma esse enxoval, ó filha,
Cantando, alegremente, a tua prece ;

. . . . . .

Já regressaram as aves ; a andorinha
Para o seu ninho começar te espera,
Dizendo : «Vamos, cândida vizinha,

Comecemos, que chega a primavera.»

E as toucas ?

Não me canso de vê-las, uma a uma,
Admirando a graça que lhes deste,
O original da forma que as perfuma,
De estranha flor, selvática e agreste.

A final, o poeta, repetindo S. Lucas («Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens.»), ergue o glorioso epinício :

Quando Lígia nasceu, um doce afeto,
Estranho e novo, em mim tambem nasceu ;
Até então meu ser era incompleto,
E nela existe um ser igual ao meu.

Lígia tem sido o meu poema santo,
O meu sonho dourado e o meu carinho,
Por isto agora compreendo o encanto
Que prende as aves ao frouxel do ninho.

Junto ao seu berço, que feliz me sinto
E como o tempo e as horas passam breve!
Esta aliança entre a razão e o instinto
Só compreende quem já filhos teve.

. . . . . .

Se deixo-a, mesmo ao longe a voz lhe ouço,
A repetir-me tudo o que me disse:
Garantias de glória, enquanto moço,
Promessas de ventura na velhice.

. . . . . .

Assim, somos felizes, por que Lígia
A casa traz em festa e borborinho;
Porem, se, acaso, alguma coisa aflige-a,
Meu Deus!... como entristece o nosso ninho!

. . . . . .

Grato te sou, meu Deus, por que me deste,
Em Lígia, maior lei que as do Sinai ;
Revelaste-me o céu na vida agreste,
Dando-me a glória excelsa de ser pai.

Como vedes, versos sentidos e vividos, — por isso mesmo, verdadeira e extreme poesia; versos naturais, espontâneos, desestudados; versos de «beleza pura e simples», única para que há eternidade, na expressão cantante de Eça de Queiroz.

Aliás, senhores, Soares Bulcão se tornava, em verdade, duplamente eterno: eterno, pelo verso; eterno, através do filho.

«Os pais homens», adverte o Padre Vieira (de cujos monumentais "Sermões" leio, religiosamente, uma página, pelo menos, todos os dias, pondo em prática o conselho de Castilho, quando manda que folheemos os volumes dos nossos bons velhos), «os pais homens, ainda

que sejam príncipes, todos são mortais; mas, por meio da vida dos filhos, se imortalizam e, por meio da posteridade da sucessão, se tornam eternos.» «Por que» — continua o claríssimo pregador — «os homens, que são pais, tem duas vidas: uma vida que acaba; outra vida que continua. A vida que acaba, conta-se no dia da morte do pai; a vida que continua, conta-se do dia do nascimento do filho. Por que [acrescenta] no dia do nascimento do filho, a vida do filho ata-se com a vida do pai; e destas duas vidas, assim atadas, de muitas vidas, que não são perpétuas, se vem a fazer uma vida perpetuada.»

Senhores: Poeta de delicado quilate, Soares Bulcão ainda cantou o amor, esse velho, mas sempre novo tema, fonte da alegria perpétua, de que fala Graça Aranha ... Cantou tambem a mulher, «o melhor presente que Deus fez ao homem», segundo Legouvé, ou, no dizer incisivo de João Jacques, «a mais bela metade do universo» ...

Dos seus hinos ao amor, pode servir de esplêndido paradigma este soneto:

Amor que despedaça e que devora,
Que às próprias carnes, rindo, dilacera,
Amor que tem os ímpetos de fera,
E a covardia que se humilha e chora;

Amor que aceita o vil desprezo e, embora
Desprezado, jamais se desespera,
Que vive só dessa fatal quimera,
E na própria desgraça se avigora;

Amor que sofre o escárneo, perdoando,
Orgulhoso de todas as misérias,
De todas as vergonhas triunfando;

Amor, em fim, que só de amar se ufana,
Veneno n'alma, incêndio nas artérias,
É a excelsa glória da fraqueza humana.

Dos seus devaneios em derredor dessa encantadora Dulcinéia, dá-nos eloquente medida o soneto

IMUTAVEIS

Talvez alguem te julgue envelhecida,
Outros talvez suponham menos bela,
És para mim, porem, a mesma estrela,
Cuja serena luz me aclara a vida.

Um ano mais que vem traz sempre aquela
Mesma ilusão por ambos repartida,
Encontro sempre em ti paz e guarida,
E em mim tens a bonança na procela.

É meu teu sonho e a tua sorte é a minha,
Minha alma sente quando a tua chora,
Tua alma mesmo ao longe me adivinha;

E nem o tempo que transforma tudo
Nos tem mudado; e mude tudo embora,
Nem tu hás de mudar, e nem eu mudo.

Aí está: sempre a mesma espontaneidade, a mesma sensibilidade, a mesma singeleza; sempre o mesmo acento de discreta, mas invencivel e surpreendente emotividade . . .

Em síntese: — completo alheamento a escolas, esses «claustros, onde os espíritos se escravizam à regra da comunidade», pois o nosso donoso poeta praticava o salutaríssimo ensino de Georges Duhamel: «Sede o que sois, e nada mais.»

Soares Bulcão, aliás, é a mais solene confirmação desta assertiva de Antero do Quental: «O que noto, em geral, nos brasileiros, é que não são *poetas literatos*, mas verdadeiros, apaixonados, arrastados por um influxo íntimo de sentimentos. Por isso são vivos, ainda quando imperfeitos como artistas . . . Mas há, neles, uma sinceridade de inspiração, uma verdade e frescura, uma graça natural de expressão, que me encantam.»

Senhores: Que dizer das "Parêmias", de Soares Bulcão, as quais, no opinar de Afonso Celso, seu prefaciador, «encerram, na simplicidade voluntária e artística de suas estrofes, a quintessência da filosofia e da experiência populares», ou são, na frase metrificada do seu próprio autor,

« . . . . . toda a virtude
E o saber dos ancestrais,

Produto da experiência
De sec'los e gerações»?!

Quanta observação! Quanta percuciência! Quanta verve! Que fino lavor! Que naturalidade! Que harmonia!

Vai com jeito e paciência,
Se do melhor queres tu;
Bem nos mostra a experiência:
— Quem se vexa, come cru.

Nunca a amizade desleixes,
Por andar a estranhos povos;
Se tens juizo — não deixes
Velhos amores por novos.

Se a fortuna se acha alem
Do chão que o teu berço encerra,
Vai buscá-la, pois — ninguem
É profeta em sua terra.

Sê austero, quando devas,
Comedido em teu sorriso;
Nem por tanto rir te elevas:
Muito riso, pouco siso.

Senhores: Aquem do poeta não fica o prosador, que era Soares Bulcão. Acredito, ao contrário, que talvez se lhe avantaje. Sente-se, pelo menos, que foi maior a sua afinidade com a prosa, mais subjugada a sua paixão por ela (ele mesmo teve de confessá-lo, sem ambages nem circunlóquios), e, de certo por esse motivo, é mais vultosa a sua contribuição para o patrimônio intelectual do Ceará, nesse setor da arte literária.

Fez, realmente, a melhor e mais sadia prosa no conto, no artigo de jornal, na polêmica, na crônica, na biografia, no discurso político.

Comprovando-o, de maneira pompeante, aí estão, entre muitos outros trabalhos, "El Derrumbe", "Anastácio Braga", "Antônio Sales", "Plácido de Castro", "A função dos partidos e o dever partidário".

Taine, tratando de Sthendal, formulou a regra de «que o melhor estilo seria a sua supressão, e que o pensamento claro e preciso deve traduzir-se numa forma clara e precisa».

Estou que o preceito *tainiano* tem inequívoca aplicação ao pranteado escritor cearense, cuja obra, de passagem, e assim desautorizadamente, analisamos.

Escrevendo em prosa, a sua idéia é exata, certa, indubitavel, e se manifesta e dá a conhecer de um modo nítido, límpido, cristalino.

Testemunham-no, fora de qualquer dúvida, estes tópicos do seu conhecido trabalho sobre Antônio Sales:

«Antônio Sales era um espírito esclarecido, mas cioso da superioridade que todos lhe reconheciam; acessivel às amizades, era, no entanto, pouco comunicativo, e a ninguem era facil penetrar-lhe as reservas mentais. Muito susceptivel, melindrava-se à menor divergência de opinião, evitava discutir, calava-se, mas mantinha o seu ponto de vista. Quem lhe caisse do conceito, jamais se rehabilitaria, senão pelo esquecimento.» «Antônio Sales, não sendo, como eu já disse, um político militante, preso a uma determinada corrente partidária, arregi-

mentado, como se diz, nunca foi um amorfo, um indiferente, quando se tratava de qualquer movimento patriótico, em que se convulsionava a Nação. Tomava logo posição saliente, de acordo com os seus princípios e idéias, intransigentemente, mesmo ao lado de qualquer partido político, mas sem ligações incondicionais. Era de uma lealdade sem limites, desassombrado . . . Eu sempre lhe respeitei essas atitudes, que eram uma espécie de idiosincrasia.» «Em 1938, Antônio Sales publicou o seu último livro — "Retratos e Lembranças" —, que acabo de reler, paulatinamente, saboreando-lhe as belezas de sentimento e estilo, que se conjugam nessas páginas de recordação e amizade. É um livro encantador, admiravel de sinceridade e justiça, em que Antônio Sales como que se compraz nas suas próprias memórias, autobiografando-se nos mais íntimos lances da sua vida, na convivência dos mais lídimos representantes da nossa intelectualidade no seu tempo, que foi, em verdade, o tempo áureo de uma geração gloriosa, que passou, deixando vestígios indeleveis da sua potencialidade criadora.»

Estas páginas foram escritas, na plena exaustão das suas energias orgânicas; entretanto, vê-se que a sua expressão, com se tornar ainda mais simples, adquiriu, em relação aos seus trabalhos anteriores — e se não erro no meu conceito —, mais clareza, mais nitidez, mais precisão. Operou-se, nela, um como que refinamento.

É que, de acordo com o que nota Eduardo Frieiro, «ainda que a vida física entre em declínio, a tônica da vida espiritual pode continuar em ascenção».

Quereis, agora, conhecer o seu impressionismo, o poder, que tinha, de reconstituir, de como que fotografar, coisas e situações? Esta página o dirá, exuberantemente:

«Há uma imagem rústica, nordestina, comum na época calamitosa das secas, mas verdadeira e flagrante, que os sertanejos conhecem... É aquela dos urubús, assediando o gado emagrecido, amoitado à meia sombra das juremas, quando as reses famintas ruminam os últimos restolhos dos campos desolados. Em torno às malhadas, como vivandeiras da desgraça, as aves de rapina, o bando sinistro dos urubús espreita, de longe, numa constante vigília, a vítima que já se não levanta, tão profundo é o seu abatimento orgânico. Ao lusco-fusco do entardecer e ao clarear das manhãs, sobre o mormaço da terra combusta, lá estão elas, as aves agoireiras, imoveis e tétricas, como grandes frutos negros, suspensos, empoleiradas nos galhos ressequidos das árvores mortas . . . Com o sol, esbraseado, começa o lento despertar das reses, vencidas pela sede e pelo cansaço da noite longa e quente; o ambiente é de sossego e quietação, e mal se ouvem, naquele silêncio morno, os sons indistintos do resfolegar das alimárias, bufidos prolongados de estômagos vazios, e o estalido seco da desarticulação de membros entorpecidos, no espreguiçamento da inércia de muitas horas. Os urubús estão atentos; movem-se nos galhos, que são como espetros

no deserto; mudam de posição; estiram os pescoços peludos; aguçam o olhar; perscrutam os arredores; abrem as asas negras, ensaiando o vôo, quando as reses se levantam, trêmulas e trôpegas, babujando, na aridez do solo calcinado, os restos da rama murcha da ração esquecida na véspera, as carcassas sarnentas ao cáustico da soalheira. Grasnando, o bando famélico, na ronda tétrica, se desprende dos galhos, em voejos curtos, mudando de poleiro, ou, um a um, caindo como setas ou com volteios lentos, quase sem ruido, para o meio da manada, que já se não espanta, tal é o hábito daquela companhia lúgubre. E já, dentre elas, as reses vencidas pela fome e pelo calor, os urubús escolheram a presa imbele, inanimada, que se estira inerte, como coisa sem vida. Saltam-lhe sobre o dorso esquelético, aos pares, tripudiando em coleios rápidos e saltitantes, com roquejos surdos; já se conluiam para o banquete sinistro; já espreitam os olhos amortecidos da vítima; já aguçam os bicos aduncos; já prelibam o odor nauseabundo da carniça apetecida; já se disputam, entre eles, urubús-tingas e camirangas, o globo ocular e o orifício posterior, para o assalto às vísceras. É o festim macabro, a vitória dos abutres. Súbito, desponta ao longe, na clareira, o perfil do vaqueiro, mixto de caçador, com a sua escopeta ao ombro; aproxima-se vigilante, mas quase desatento àquele espetáculo, que lhe é costumeiro, na sua inspeção diária às reses das malhadas em tratamento. É o alarme dos bicharccos, o estrépito das asas, no vôo violento e ruidoso para o cimo das galhadas distantes, o grasnar raivoso dos corvos surpreendidos, o desespero, o ódio contra o importuno, que lhes perturbou o assalto e lhes roubou a presa cobiçada.»

Se há hipérbole de minha parte, perdoai-me ; mas estas páginas lembram "As andorinhas de Campinas", de Rui Barbosa, e "O estouro da boiada", de Euclides da Cunha . . .

Senhores: Já está muito longo o meu discurso, mais longo do que convinha e eu pretendera, sempre atento ao conselho horaciano: *Esto brevis et placebis.*

Não posso, porem, encerrá-lo, sem dizer uma palavra, que seja, sobre Soares Bulcão, o genealogista.

Antes de fazer parte do Instituto do Ceará, ele já se afamara nessa província do saber, infelizmente tão pouco frequentada no Brasil.

Prova da nossa afirmativa esplende, inconcussa, no seu ensaio "Anastácio Braga — Notas genealógicas", publicado em 1928.

No Instituto, foi a genealogia — pode assegurar-se — o objeto primacial das suas lucubrações. E não há dizer que tenha sido improficua a prossecução dos seus estudos, nesses assuntos, pois ainda enriqueceu o patrimônio genealógico cearense com estes dois interessantíssimos trabalhos: "O Comendador João Gabriel" e "Dona Maroca Bastos — Maria Angélica Bastos Jorge de Sousa", vindos à luz, respectivamente, em 1932, 1939 e 1941.

Nessa especialidade, em que logrou foros de mestre — desfazendo equívocos, dissipando dúvidas, esclarecendo obscuridades —, eram-lhe ínsitas as apreciaveis qualidades que Rui Barbosa vislumbrara em notavel historiador patrício: a paciência investigativa, a pertináçia no estudo, abstração de interesses, o amor e o senso da verdade, o faro e adivinhação das fontes, dos veios de mina, dos tesouros soterrados, ignotos ou esquecidos.

Atentas as suas pesquisas, que eram continuadas e já vinham de longe, muito maior soma de trabalhos podia o nosso inesquecivel confrade ter entregue à publicidade, com inegavel vantagem para todos nós. A falta de saude e afazeres outros não o teriam permitido.

Deixa, entretanto, rica coleção de notas, que será incorporada — segundo acredito — ao arquivo do Instituto, e onde os que se possam dedicar a esse gênero de estudos encontrarão valiosíssimos subsídios.

Senhores: «O declívio do caminho do esquecimento é o mais rápido», dizia Hazard.

Tu, porem, Soares Bulcão, tu não resvalarás no olvido, por que a Arte, de que foste um dos eleitos, pelo verso e pela prosa, não o consentirá.

Nela e através dela, estarás sempre presente — eterno sobrevivo — na memória dos contemporâneos e da posteridade.

Ela, a Arte, ainda poderá dizer e te dirá, «com firmeza e certeza», pela palavra mágica de Eça de Queiroz:

«Tu não morrerás inteiramente: e mesmo amortalhado, metido entre as tábuas de um caixão, tu poderás continuar por mim a viver. O teu pensamento, manifestação melhor e mais completa da tua vida, permanecerá intacto, sem que contra ele prevaleçam todos os vermes da terra; e ainda que, fixado definitivamente na tua obra, pareça imobilizado nela como uma múmia nas suas ligaduras, ele terá todavia o supremo sintoma da Vida, a renovação e o movimento, por que fará vibrar outros pensamentos e através das criações deles estará perpetuamente criando.»

Tenho dito. (*)

(*) Discurso proferido na sessão fúnebre com que o Instituto comemorou, à noite de 17 de Agosto, o trigésimo dia do passamento do seu ilustre membro efetivo.

■ ■ ■ ■

Hiram Soares Bulcão

Cai o pano de boca do palco da vida, e perduram cá fora incontidos e insistentes aplausos, que trazem de novo, à cena, o intér-

prete das emoções, revivendo no coração daqueles que o aclamam, todos os transes e êxtases que já se esvaeciam da memória dos espectadores. Assim vós, augustos membros do Instituto do Ceará, com vossos aplausos, concretizados nesta sessão solene que muito honra e desvanece aos descendentes de SOARES BULCÃO, trouxestes para este ambiente de gratidão e saudade, para este laboratório de cultura espiritual, o vosso confrade, que a frialdade da morte não conseguiu roubar-vos à convivência, e atende ao vosso chamado. Ei-lo aquí presente . . . Sinto-o aquí ao meu lado. Nem de outra forma se compreenderia a minha audácia de levantar a voz, ante tão seleta e culta assistência. Só ele com sua força moral, com seus conselhos e prédicas, com seu alevantamento de espírito, que, em vida, me encorajavam em todos os momentos, poderia impor-me, agora, a necessidade do cumprimento deste dever de gratidão a tão tocante homenagem póstuma, de seus queridos e dedicados colegas desta Casa, em cujo ambiente de solidariedade espiritual, soube ele cativar a admiração e admirar-vos a vós todos, e à qual muito se honrava de pertencer.

E, por uma ironia do destino, ele, que possuia a verve e o talento oratório, cuja inteligência e facilidade de expressão poderiam consagrá-lo um grande tribuno, raro fazia uso da palavra, agrilhoado por um defeito físico que lhe dissonava a voz, impondo-lhe verdadeiro suplício de Tântalo, vê hoje o seu filho, pobre de expressões, modesto na inteligência, parco na retórica, humilde desconhecido do mundo das letras e das rodas intelectuais, valer-se do dom físico que lhe fora negado, para ocupar imerecidamente esta tribuna, e fazer-se intérprete dos sentimentos de gratidão que vós nos inspirastes. Relevai, pois, o que me falta a mim, assim como relevastes o que lhe faltou, e acolhei, com benevolência, a palavra de um filho que vos fala pelo coração, pelo que sente e acalenta numa imorredoira saudade da vida íntima de seu pai.

Palavras brilhantes me tem antecedido, tecendo elogios a SOARES BULCÃO como homem público, poeta, jornalista, genealogista e político, mas nenhum convívio, nenhuma afeição fora da consaguinidade, é capaz de revelar a face sentimental de uma vida. Bom esposo, bom pai e bom irmão, e mais que tudo filho exemplar, foi ele o guia, o incentivo e o amparo de todos aqueles que o rodeavam e palmilhavam o rastro luminoso que em sua órbita traçara. Orfão de pai, ainda muito moço, tendo sob sua responsabilidade, alem de mãi, viuva pobre, quatro irmãos menores, foi um batalhador incansavel que, buscando as regiões amazônicas, ia lá colher os meios para o sustento e educação daqueles que somente nele confiavam. Seu acendrado amor filial, jamais consentiu o desamparo à sua velha mãi, cuja pobreza e humildade, antes de lhe causar vergonha, mais acendiam seu orgulho e admiração, dedicando-lhe todo o conforto e assistência que a precariedade do meio em que vivia lhe podia propor-

cionar, Todo sacrifício era pouco em troca da satisfação de vê-la frequentemente, em exaustivas viagens à terra natal, de onde trazia sempre a melancolia e a saudade. Sua alma de poeta não a esqueceu, a ela dedicando o seu mais precioso soneto,

DOR SUPREMA

Tento exprimir, ó mãi, debalde tento
Cantar a dor nas sílabas de um verso,
O amor materno em lágrimas disperso,
Pelo intérmino mar do sofrimento;

Procuro o pranto, o lúgubre lamento,
Tudo o que geme no martírio imerso,
E essa agonia eterna do universo,
Não diz o teu sofrer de um só momento.

Sondo da noite os tétricos gemidos,
Ocultos ais dos corações feridos,
A angústia, a pena e o dó que me insinuas;

E esse concerto de ânsias e queixumes,
Capaz de encher milhares de volumes,
Mãi . . . não vale uma lágrima das tuas!

Por ela, mais se lhe impunha o dever de lutar, para amenizar-lhe os cuidados que lhe trouxera a viuvez cercada de filhos; e este dever, cumpriu-o. Amparou todos os irmãos, titulando um em Engenharia e outro em Direito, e nunca pode, em benefício próprio, cursar as academias, que lhe abririam as portas, com vantagem, para a vida pública. Só mesmo a auto-cultura intelectual obtida pelas leituras constantes, pelas noites de vigília e pela inteligência, deu-lhe, muitas vezes, o título de Doutor, que ele não possuia. Assenhoreando-se desta ascendência moral e intelectual, galgou postos modestos, em verdade, mas que puseram em relevo a sua personalidade batalhadora e independente.

Contraindo primeiras núpcias, quando o trabalho se impunha ainda para o cumprimento integral de sua dedicação filial e fraternal, soube vencer as afetividades de seu coração, afastando-se periodicamente do lar, ainda em demanda da terra da promissão. E assim labutou, e assim venceu, ferido, embora, por prematura viuvez, confiando os filhos queridos aos cuidados de uma sogra bondosa e dedicada, sua verdadeira amiga em todos os transes da vida. Foi longa a sua luta, tão longa, que só a partir dos catorze anos de idade, pude go-

zar de sua convivência. Foi de então que comecei a sentir o seu valor como homem e a sua influência como pai.

Se tantos anos de sacrifício e trabalho, nos seringais amazonenses e acrianos, lhe enrijaram o físico e a alma para os transtornos da vida, não lhe mataram o coração afetivo e carinhoso, a docilidade de sua alma, por vezes violenta, mas sempre pronta a colher com brandura, após esses transportes incontidos, o filho ou o irmão que o procurava. Caracterizavam-no a ilimitada confiança que neles depositava, a extrema benevolência em seus julgamentos e o apoio incondicional aos atos em que se revelasse a sã moral por ele preconizada. Eu, filho varão em plena adolescência, tendo uma índole passiva, tímida e modesta, não fora fadado, infelizmente, a ser o continuador e conservador de suas tradições de altivez, audácia e vaidade, o que constituia, para ele, motivo de tristeza íntima. Em todos os atos de minha vida, em que se revelavam aquelas fraquezas, tinha-o sempre a meu lado com conselhos e recriminações, tentando enveredar-me pela estrada larga de sua vida, que me quis legar como exemplo. Por tardia, talvez, a nossa convivência, não conseguiu plasmar, de todo, o meu carater nos moldes que pacientemente modelara; no entanto, tenho comigo a grata recordação de suas palavras confortadoras, aquelas com que, quando já acamado, no momento em que eu me reconciliava desta falta involuntária, ele me concedia a absolvição, dizendo que eu nunca lhe dera o mínimo desgosto. Era a grandeza de seu coração que mais uma vez se abria para acolher-me. E assim era, em todos os atos de sua vida privada.

Sequioso de afetos, longe dos filhos, que, por imposição da carreira que abraçaram, se ausentaram do Ceará, após uma longa viuvez contraiu novas núpcias, buscando no refúgio do lar a paz e o carinho de que a velhice próxima tanto carecia; mais uma vez não se mostrou egoista, deixando vir novos filhos que lhe enchessem o novo lar e fossem, mais tarde, o consolo da solidão de sua segunda esposa, reservando para si, ainda, o sacrifício de vê-los pequeninos, privados de sua assistência moral e material. Que tremenda luta íntima se travou em seu espírito nos longos dias que antecederam à sua morte! Quantas renúncias e sacrifícios lhe coroaram os últimos dias de vida, para que nunca deixasse transparecer seu sofrimento moral, em detrimento da confiança e tranquilidade dos que o cercavam!

De origem e educação católica, foi meu pai, no entanto, um rebelado contra as práticas da Igreja; não que esta rebeldia em si trouxesse ódio ou desrespeito às cousas de Deus. Antes pelo contrário, incentivava e contribuia para os festejos católicos da matriz de seu querido ARRAIAL, era assíduo frequentador das rodas eclesiásticas, onde contava verdadeiros amigos, e jamais a sua pena jornalística traçou injúrias e impropérios contra a Igreja. Era o princípio cristão herdado de seu pai, que deixara em seu subconsciente o respeito pe-

las cousas sagradas; princípio benéfico, que lhe concedeu a reconciliação com a crença de seus ancestrais, nas vésperas de sua morte, para a eterna paz de seu espírito, como bem predisse em seu soneto inédito

ALMA CRENTE

Ferva a hedionda Babel que a teus pés se esboroa,
Alma! ressurgirás do pélago infinito,
Se sempre para o céu é que a esperança voa,
Se é sempre para Deus teu derradeiro grito!

Triunfarás, em fim, na fé que te agrilhoa,
Clame, embora, e esbraveje em seu furor maldito,
A turba ignara e vil que anda ladrando à toa,
Contra céus, contra Deus, pregando estranho rito.

Reine e cresça a cizânia, o interminavel caos
Dos que não querem ver; continuarás de pé,
Iluminando os bons e confundindo os maus;

E, ao Dilúvio final, como outrora Noé,
Verás tua Arca santa, ao soçobrar das naus,
Flutuando à mercê, para o Ararat da fé!

Senhores: Tivestes aquí a sua verdadeira feição de homem. O amor imensuravel à terra natal, o amparo aos parentes pobres, a generosidade e o desprendimento até ao sacrifício para com aqueles que dele se valiam, vem confirmar a sensibilidade de sua alma de poeta, proclamada nas estrofes maravilhosas de sentimentalismo que tanto conheceis.

Por sua memória, que enche toda esta Casa e transborda os corações e mareja os olhos dos que nela se encontram, aceitai os agradecimentos daquele de quem me fiz porta-voz, acolhei a sinceridade de minhas palavras, perdoai a comoção que me embarga a fala e empana a inteligência, e guardai, para sempre, neste sacrário inviolavel, a presença póstuma de meu pai. (*)

(*) Palavras de agradecimento pronunciadas pelo capitão Hiram Soares Bulcão, na referida sessão solene do Instituto, em 17 de Agosto.

= IV =

Raimundo Girão

Não fujo de repetir o conceito de que a morte não aniquila nem nivela, por quanto, na realidade, os bons não deixam de ser bons e os maus não deixam de ser maus só por que morreram.

Até, pelo contrário, serve o desaparecimento material para dar saliência e expressão a muitos que, na vida, não foram convenientemente olhados e compreendidos.

A morte deve ter, sim, o mérito de anular as injustiças e desafeições, para que o homem seja mostrado aos pósteros tal qual realmente era, o que efetivamente era.

Eis como deve ser apreciada a personalidade de Soares Bulcão, o varão ilustre que o Ceará acaba de perder.

Espírito valente, combativo, euforizado com as lutas, por certo as paixões o envolveram no entrecho incômodo das animosidades. Por onde andou, aquí, na Amazônia, em toda a parte, foi combatendo pelos seus princípios, numa vibratilidade forte, própria dos fortes.

Político militante, nalguns anos da sua existência, batalhou com alma, coragem e lealdade inexcedivel em benefício das causas do seu partido.

Jornalista, que o era e soube ser, não raro o seu temperamento de lutador o conduziu aos extremos da polêmica. Todavia, sempre o fez por amor da defesa das suas idéias, e não por maldade, que bom era ele, integralmente bom.

Nas justas da vida nem sempre as armas são rosas, senão o florete, mas este ele o empunhou de luvas, na decência e altivez das atitudes elegantes.

Entretanto, esta faceta da sua individualidade, de si só bastante para torná-la destacada, como que se esmaece ante o brilho de outras manifestações mais espirituais e nobres.

Se era um vitorioso pela sua bravura moral, muito mais justamente lhe cabe o galardão de magníficas vitórias pelas larguezas do seu coração, pelas exteriorizações edificantes do seu apego à gleba nativa e pelos fulgores e cristalizações da sua inteligência.

Era um sentimentalista e um amigo, vencido a cada passo — e só nisto — às solicitações do afeto. Ninguem cultivou melhor os deveres da amizade.

Era um obcecado pela felicidade da sua terra, do seu querido Arraial, motivo constante dos seus pensamentos, dos seus desvelos. Nunca, talvez, alguem amou tanto o seu município, a sua cidade.

Era um talento de eleição, poeta de verdade e prosador de es-

tilo delicado e ático. As suas produções honram as letras do Ceará e os seus coevos já lhe haviam feito justiça, alçando-o aos pináculos do nosso beletrismo — a Academia Cearense de Letras de 1922, síntese esplendorosa da nossa alta cultura mental.

Como homem de afeto, guardado cuidadosamente, ficará nos corações da família e dos amigos.

Como filho amante da sua cidade, há de ficar na admiração inapagavel dos seus conterrâneos agradecidos e — o movimento já se inicia — o seu nome será, no futuro, o topônimo desse recanto paradisíaco da Ururuburetama, onde nasceu.

Como intelectual, as suas páginas de arte e os seus versos figurarão, necessariamente, nas antologias bem selecionadas, para modelo de precisão de forma e aprumo de concepção.

Acima de tudo isso, porem, onde Soares Bulcão se tornou figura de relevo e sem par foi nos domínios de nossa Genealogia, especialidade histórica que o empolgou.

Poder-se-á afirmar que era, neste assunto, a nossa maior autoridade, ou melhor, a nossa única autoridade. João Brígido, Antônio Bezerra, monsenhor Bruno Figueiredo, ficaram-lhe muito aquem na profundeza e na exatidão.

Por que, em última análise, era o ilustre filho de Arraial o nosso "verdadeiro genealogista", não tendo limitado as suas atividades, neste setor da História, a simples notícias de fantasia, ou a pesquisas fragmentadas e incompletadas

A Genealogia é uma lucubração dificil, afanosa, paciente, algo martirizante, porem sempre cheia de resultados uteis à explicação de fatos históricos e à evolução dos povos.

«Investiga o passado, identifica o presente e resguarda o futuro. Identifica a Humanidade em um passado que já foi presente, e em um presente que já foi futuro.»

É certo que os estudos genealógicos não tem merecido a atenção e simpatia indispensaveis, pela razão mesma dos embaraços que os envolvem ; contudo, apaixona e enleia os que a perlustram, garimpando por assim dizer os tempos de antanho, fixados em velhos documentos, dos quais é possivel extrair, como nas lavras auríferas, o filão riquíssimo de suaves evocações e de valiosos informes histórico-sociais.

Microscopistas pertinazes são os estudiosos da Genealogia.

Pois foi Soares Bulcão o garimpeiro por excelência da especialidade genealógica no Ceará. a qual, poderemos dizer, na realidade com ele nasceu, e praza aos céus que com ele não tenha desaparecido.

Mero diletante desses estudos, tantas vezes recorri ao inolvidavel conterrâneo, a fim de aplainar dúvidas e colher roteiros, quantas nele encontrei um vero amigo, solícito, afavel, interessado, fazendo imediatamente suas as minhas excogitações, para logo trazê-las resolvidas com o mais rigoroso acerto.

Consultá-lo acerca de determinadas linhagens de famílias do nosso estado, era o mesmo que recorrer a um dicionário, tão prestas e exatas as suas respostas.

Não teve oportunidade para legar-nos uma obra de sistematização, como todos os dias lhe estava eu a pedir. O seu tempo, gastava-o totalmente na colheita de dados e elementos, metido em antigos cartórios e arquivos.

Pode, dessa maneira, transmitir à posteridade um vultoso e valiosíssimo acervo de notas e apostilas, de documentos originais e cópias, que constituem fonte segura e inexaurivel para quantos, dedicados e corajosos, se sentirem com a inclinação necessária a tais estudos.

Sem nenhum favor, reputamo-lo o Mestre da Genealogia do Ceará, e o tempo há de mostrar que o trabalho de Soares Bulcão representa a mais inestimavel conquista para a elaboração da História Cearense.

Estas linhas são a homenagem dum seu discípulo e admirador. (*)

(*) Publicado n*O Povo*, edição de 23-7-942.